

Visões de ser vivo: visão do ser humano

Maria Thereza Cera Galvão do Amaral
anima@homeopativeterinaria.com.br

Resumo

Esta autora afirma que a aquisição do conhecimento em geral se dá com desenvoltura na seara das ciências ditas 'exatas' mas não nas ditas 'ciências humanas' e nem das "biológicas". O ser humano é complexo, é irregular, é inesperado e previsível ao mesmo tempo, cheio de nuances e detalhes, certezas e descontinuidades, o que é a realidade. Mas ao mesmo tempo este fato não é uma permissão para que o 'humano' seja tirado da discussão.

A autora também afirma que na realidade este ser tem várias dimensões que se entrelaçam. Como harmonizar e operacionalizar uma visão de homem que contente a vários ? De começo, aceitando que não é possível uma só abordagem de homem e nem um só modelo. A título de contribuição, o objeto de estudo deste trabalho será a apresentação de algumas dimensões do ser vivo, compondo diferentes modelos e diferentes visões. Sem discutir este fato e nivelar discursos, este é só mais um ponto que contribuí para a enorme torre de babel que se torna tudo que envolve o estudo do ser vivo.

Palavras-chaves: Ser vivo, Modelos, Níveis, Transdisciplinaridade

Introdução

O fato e as circunstâncias

A autora presenciou um debate entre um palestrante que atua na interface produção de alimentos/conservação do meio ambiente, agrônomo e professor universitário e uma palestrante socióloga, também professora universitária. A princípio a discussão impressionou pela erudição da professora, contrastando com as respostas sintéticas do outro profissional. Mas a insistência com que a professora se posicionava, colocando a sociologia como que possuindo explicações acerca de todas as atitudes do homem, enquanto o outro palestrante não, se limitava a se posicionar quanto a sua área de discussão, foi se sobrepondo. Começou a ficar claro que o palestrante entendia as diversas dimensões do ser humano, enquanto o mesmo não acontecia com a palestrante, ela era "monocromática" na sua insistência de firmar uma posição como a única possível de ser 'verdadeira'. A autora crê que não é possível alguém com tal postura entender, trabalhar e ensinar a e na transdisciplinaridade.

Este é um trabalho que propõe uma discussão de qual modelo de ser vivo em geral e do ser humano em particular, precisaríamos ter para não cairmos em armadilhas do tipo citado acima.

Contextos teóricos

O panorama contextual que um pesquisador tem do ser vivo e do ser humano tem um peso extremamente significativo em seu trabalho. Deve se ter em mente que a delimitação de modelos em ciência é uma invenção humana e diz respeito à critérios de demarcação, que não são fixos, em razão de diferenças conceituais, epistemológicas, culturais e de formação de quem as formulou. O pesquisador que tem por objeto de estudo o ser vivo tem uma visão de mundo, do alcance da ciência, uma base fisiológica e fisiopatológica, um tipo de análise do objeto, uma concepção de ser vivo e outros que vão influenciar em muito a montagem do experimento, a leitura de seus resultados e a redação de suas conclusões.

Importa à autora a idéia de como é visto um ser vivo e um ser humano, em razão dos modelos voltados ao conceito de transdisciplinaridade estarem sendo construídos. Vários conceitos poderão ser propostos, visando tanto a construção de modelos de trabalho quanto a discussão, sem a qual não é possível que sejam apresentadas propostas de pressupostos de ser vivo que suportem estas abordagens. É inegável que muitos problemas se descortinam quando se utilizam abordagens não hegemônicas e não usuais.

Condições de contorno e cenários

A ciência, na figura de seus estudiosos, sempre teve uma posição ambígua com relação aos seres vivos no geral e com o ser humano em particular. Porquanto se considerasse o ser humano o centro do universo, nunca se soube operacionalizar um modelo com a mesma eficiência com que se fazia com a matéria inerte. A parte não-material do ser vivo sempre foi um grande entrave, considerado objeto de pesquisa de estudiosos dito “metafísicos”, como sinônimo de falta de objetividade e de fundamentação teórica rigorosa.

Este quadro só mudava para aqueles que adotavam uma postura que abordasse a complexidade do ser vivo, qualquer que seja o nome que se tenha dado a este tipo de atitude. Porém pesquisadores que ousaram tratar seu objeto de estudo, o ser vivo, vislumbrando esta complexidade, via de regra foram banidos da corrente principal do campo de saber onde atuavam ou da história.

Como diz Campos, “...sendo o real simples, a complexidade não passaria de uma ilusão e os saberes que considerassem mundo como complexo não pertenceria ao âmbito da ciência.”¹

Quando se abandona a idéia de que uma realidade complexa pode ser decomposta, e entendida, pela combinatória dos elementos simples, se entrevê uma arquitetura e uma dinâmica dotadas de uma série de atributos, dentre os quais se sobressai a natureza irreduzível de sua complexidade sistêmica². E a biologia, ao final do século XX e no adentrar ao século XXI, está tendo o mesmo impulso que teve a física desde o século XVII com Newton. Pode-se inclusive afirmar que este novo enfoque da biologia será a fonte principal de um novo paradigma para as ciências.

O corpo do ser vivo

Dimensões do homem

Poderia se sugerir, como níveis mais gerais, as seguintes dimensões: **espiritual**, que remeteria ao complexo ‘mente mais algo desconhecido’³, podendo ser considerado sua “base individual”, o nível do ‘funcionamento’ individual do ser; **racional**, que remeteria ao complexo ‘cérebro mais mente’ e estaria relacionado ao social, podendo ser considerada sua “base racional”. Seria o nível de interações simbólicas, da comunicação consciente e **biológico**, que remeteria ao ‘corpo material’ e definiria tanto o indivíduo quanto uma espécie, estaria relacionado ao corpo, à matéria e sua organização, podendo ser considerada sua “base biológica”. Seria o nível de interações de moléculas, o dito “mundo material”.

Quando analisadas em mais de um ser, as três dimensões se entrecruzariam e produziriam o social.

Quando analisadas em um ser, as três dimensões se entrecruzariam e produziriam o homem em sua totalidade.

Modelos e seus aspectos

Estudo do ser vivo em geral e suas abordagens

Temos basicamente duas abordagens para estudos que contemplam a noção de complexidade em seres vivos : uma é a que estuda e o analisa “por dentro” e tenta construir um quadro de interação das partes para simular seu funcionamento. Este método é mais usado por pesquisadores clínicos. E outra que trata o ser como um todo⁴. Este método é mais usado por biólogos, principalmente etologistas e ecólogos e é denominado “estudo em caixa preta”. Não se trata de descobrir qual é o melhor, já que os dois métodos são válidos mas discutir sobre sua adequação ao tema de pesquisa. No contexto deste trabalho, talvez o grande problema seja a corrente de pesquisadores que considera a matéria como a única realidade possível. Exemplificando: existem aqueles que quando estudam um cadáver acreditam estar estudando um ser vivo. E existem aqueles que quando estão estudando um cadáver sabem que estão estudando o corpo de algo que já foi um ser vivo.

¹ Campos, 2004.

² Campos, 2004..

³ Espírito ? Alma ?

⁴ Em que não é possível olhar diretamente seu interior e tenta chegar a seus mecanismos internos a partir dos resultados externos que são coletados.

Biologia sistêmica

Diferentemente da biologia molecular, cujo foco são as moléculas, o foco de sistemas biológicos está nos sistemas que são compostos por moléculas. Para seus estudiosos a essência e o foco de estudo do sistema está em sua dinâmica e não pode ser descrito meramente enumerando os componentes. A biologia sistêmica, em um senso estrito, é a integração entre experimentos biológicos com análise de dados em larga escala e modelagem quantitativa para computadores⁵. Em uma definição mais ampla, inclui também o desenvolvimento de um novo modelo conceitual em biologia. Esta parte é próxima à física, que é usada para reduzir sistemas complexos aos seus princípios e somente pode ser bem sucedida pela integração de conhecimentos de diferentes disciplinas, incluindo biologia molecular, bioquímica, informática, teorias de controle e física⁶.

Visões fisiológicas do sistema vivo

A mais comum é a que simplesmente extrapola as noções de anatomia e seus sistemas. São noções mais descritivas do funcionamento total do corpo e de suas interações. A outra é uma fisiologia que contempla a complexidade que envolve o ser vivo. Essas diferenças são importantes quando se pensa que a fisiologia é um pressuposto que jamais poderá ser dissociada de qualquer prática que envolva a pesquisa com sistemas vivo, seja na área clínica ou não. Dois corpos teóricos voltados à clínica já fazem uso desta última, a Antroposofia, a Medicina Tradicional Chinesa e, indiretamente, a Homeopatia.

Estudo do ser vivo sob uma visão estrutural

Na Terra temos atratores⁷ biológicos característicos. Listaremos alguns deles: uma espécie⁸ é formada por indivíduos. Cada indivíduo contém órgãos. Que por sua vez são formados por tecidos. Estes são formados por células, constituídas por moléculas. Estas são constituídas por átomos. São referenciais básicos, que caracterizam seres vivo e que podem ser modificados até um certo limite, depois do qual se descaracterizam. Estes atratores são estudados separadamente com uma abordagem própria.

Temperamento e constituição⁹

São noções utilizadas por alguns profissionais homeopatas como base morfo-fisiológicas de suas clínicas. Introduz-se aqui a noção de 'terreno'. Para Franco, o terreno mórbido seria constituído pela constituição, temperamento, miasma e toxinas. A constituição é a resultante morfo-fisiológica hereditária, fixa, que traduz a disposição reacional. Seria aquilo que o indivíduo é, o que autorizaria fazer uma antecipação acerca do grupo de doenças a que o indivíduo está sujeito¹⁰. O temperamento diz respeito ao metabolismo, de caráter dinâmico, sofrendo modificações em relação à homeostase. Seria como que o indivíduo está e evoluiria com a idade¹¹. O miasma¹²: estados patológicos de exagerada predisposição a determinadas patologias, dentro de padrões reativos próprios, podendo ser herdado ou adquirido. As toxinas seriam o resultante reacional de um organismo sensibilizado à um agente mórbido¹³. É uma visão de como se justificaria e analisaria o ser vivo e suas doenças.

⁵ Está muito próxima da bioinformática, seu foco é predição e controle e envolve técnicas vindas da informática e da engenharia.

⁶ Também biofísica, mecânica estatística, física de sistemas dinâmicos e outras. Schwarz, 2004; The Systems Biology Institute, 2003.

⁷ É o estado ou uma série de estados (padrões) para o qual o comportamento de um sistema é atraído.

⁸ Os atratores são os que estarão sublinhados.

⁹ Baseado nos trabalhos de Ruiz e em Franco, 1998.

¹⁰ Os estados constitucionais seriam o sulfúrico, o carbônico, o fosfórico e o fluórico, além das constituições mistas. Franco, p. 187.

¹¹ Seriam: linfático, bilioso, sanguíneo e atrabiliar. Franco, p.37-51.

¹² Esta palavra tem várias definições, dependendo de que autor, base teórica, linha da Homeopatia se considere.

¹³ Franco, p. 187.

A caracterização da visão de ser vivo da Antroposofia¹⁴.

Considera as seguintes divisões: 1) Corpo- a matéria e sua composição, seus processos físico-químicos. Está dividido em : Corpo físico, Corpo etérico e Corpo astral. 2) Alma – responsável pelas sensações e sentimentos, subjetiva. Classificada em Das sensações, Racional e da índole, Da consciência. 3) Espírito- o “eu”, “o pensar” e da espiritualidade, individualidade superior. Dividido em Personalidade espiritual, Espírito vital, Homem espírito. Apresenta também uma caracterização dos “reinos”, que se entrelaça com a classificação anterior para explicar os animais e o ser humano: Reino mineral, só corpo físico, composição inorgânica, é caracterizado pela estrutura; Reino vegetal¹⁵, possui o corpo físico mais o corpo etérico, é caracterizado pela fisiologia, pelo movimento de transformação e trocas com o mundo exterior ao ser; o Reino animal¹⁶, possui corpo físico, etérico, corpo astral e alma das sensações. É responsável e caracterizado pelo sentir, pela relação com o grupo, por se expressar; e o Reino humano, os três anteriores mais o “eu” do espírito e os três aspectos da alma. Usa também a noção de temperamento, embora seja diferente da usada na Homeopatia e a diferenciação do indivíduo pela classificação por anos, setênios.

Um modelo de ser vivo (humano) usado por um pesquisador homeopata.

Este modelo foi feito por um pesquisador médico, Dr. Paolo Bellavite¹⁷, para a Homeopatia. As principais características que possibilitariam o nascimento, o crescimento e o desenvolvimento da vida, seriam essencialmente duas: auto-organização e abertura à regulação externa. Os seres vivos deverão ser considerados : abertos, pois permitem troca de materiais e informações interna e externamente; complexos, pois o sistema contém informações em grau superior à soma de suas partes; dinâmicos, pois suas partes, interligadas, estão sempre em movimento; auto organizados, pois têm níveis diferentes de organização, que seria baseada na existência de múltiplos elementos¹⁸ que são ligados, nos quais ocorreriam mudanças contínuas, tanto quantitativas quanto qualitativas e adaptativos, pois se adaptam ao e necessitam do meio ambiente. É pressuposto de seu modelo que os seres vivos possuiriam teleonomia, teriam um propósito.

Níveis de comunicação do nível biológico

No final da década de 90, Madeleine Bastide, farmacêutica francesa e Agnes Lagache, filósofa francesa, desenvolveram uma proposta para a compreensão dos sistemas vivos. A base principal deste paradigma é o conceito de *informação* nos sistemas biológicos. Segundo seu modelo teórico, alguns fenômenos biológicos poderiam ser mediados através de “*objetos semânticos*”¹⁹ no lugar dos já conhecidos “*objetos moleculares*” (droga-receptor). Haveria uma via de comunicação diferente da troca de objetos ou moléculas e da troca de informações cognitivas e simbólicas. É proposto um terceiro canal de comunicação, que é biológico porém não estritamente bioquímico²⁰, que obedeceriam a diversos níveis ou padrões de interatividade²¹.

Conclusões

Foram apresentados diversas abordagens possíveis de ser vivo. A primeira, relatando as dimensões mais gerais do homem, pode ser usada de diversas maneiras para modelos e abordagens. É possível analisar só a parte biológica ou só a racional ou somente a espiritual, ou combinações entre elas. No “estudo do ser vivo e suas abordagens”, dois métodos de estudo do ser vivo são apresentados. Se o objetivo do estudo é clínico, o corpo do ser vivo certamente terá que ser “invadido”, de alguma

¹⁴ É uma visão preliminar da autora, superficial, feita aqui exclusivamente com o propósito de pontuar as várias visões possíveis do ser vivo/humano. A Antroposofia, do grego "conhecimento do ser humano", foi introduzida no início do século XX pelo austríaco Rudolf Steiner.

¹⁵ Visto do ponto de vista de vegetais superiores.

¹⁶ Visto do ponto de vista dos mamíferos.

¹⁷ Dr. Paolo Bellavite, médico homeopata da Universidade de Verona.

¹⁸ Íons, moléculas, agregados moleculares, células, organismos.

¹⁹ Ou informação.

²⁰ Não esquecer que ser bioquímico e ter repercussões bioquímicas são coisas diferentes.

²¹ Bonamin, op.cit., p.30

forma, para observar as alterações fisiológicas e fisiopatológicas ocorridas. Se o propósito fosse a observação do comportamento, esta “invasão” não é necessária e tampouco desejada e o “estudo em caixa preta” seria o ideal. Na biologia sistêmica, é interessante observar como se modifica uma ciência particular, de acordo com o avançar da ciência geral. Como atualmente nos seres vivos são privilegiados os processos, a biologia se adequou a este fato, possibilitando uma maneira não-reducionista de acrescentar a física ao estudo das ciências da vida. Nas “visões fisiológicas do sistema vivo” abordadas, se discute a adequação das noções que temos de como o ser vivo “funciona”. Não basta discutir teorias, modelos de ponta, se não temos uma abordagem adequada da dinâmica fisiológica do ser vivo. Visões velhas para abordagens novas geralmente levam à resultados equivocados travestidos de verdade. Quando se fala do “estudo do ser vivo sob uma visão estrutural” a intenção é apresentar possibilidades de construção de modelos que, apesar de abordarem algo em tese estático, ligado à morfologia, são o complemento ao estudo da fisiologia e das transformações do ser vivo. Sob “temperamento e constituição” já se vê um modelo estruturado que incorpora vários elementos anteriores. Faz uso de morfologia, fisiologia, dimensões e serve à modelos que contemplam saúde-doença e terapêutica. Na caracterização da antroposofia, mostra-se um modelo mais estruturado, que incorpora filosofia e, por que não, uma metafísica á discussão do ser vivo. E o interessante deste modelo é que incorpora todos os seres vivos e minerais. O “modelo de ser vivo (humano) usado por um pesquisador homeopata” mostra a incorporação de diversas noções da física ao estudo da medicina e da terapêutica. E se aproxima muito da biologia sistêmica. E por último, nos “níveis de comunicação do nível biológico”, na verdade temos um modelo de ser vivo desenvolvido para ser base teórica de pesquisas básicas em Homeopatia, que contempla sistemas biológicos, terapêutica e pesquisas. Temos que ter modelos que contemplem tanto o que se chama de “ciência pura”, a biologia, por exemplo, quanto as “aplicadas”, como a medicina humana e a veterinária.

Discussões

A autora sustenta que os seres vivos, e o homem em particular, possuem várias dimensões, níveis, que coexistem juntos e que podem ser metodologicamente separados e usados como modelos em pesquisas e discussões. Mas este procedimento metodológico não pode ser confundido com realidade. O modelo que levava em conta só sua organização anatômica nos fornecia um modelo hierarquicamente sedutor, com níveis rígidos, compartimentalizados e lógicos. Mas o pensar complexo mostrou outros níveis que se interpenetravam e que para serem compreendidos necessitavam de conceitos de outras áreas do saber. E a idéia de movimento constante como o real. Afinal, o que realmente caracteriza o ser vivo é o movimento e a comunicação.

Algo que ocorre arraigadamente nos séculos XX e XXI: existem pesquisadores que ainda usam definições, conceitos, idéias, modelos e contextos dos séculos anteriores. Isto, quando ocorre com pesquisadores de áreas afins, inevitavelmente faz ocorrer enormes confusões conceituais. Ouvimos falar muito em dualidades como matéria e mente, integralidade e reducionismo, generalismo e especialização, conhecimento linear e conhecimento complexo, materialismo e vitalismo²², mas o grande, o enorme problema é a fragmentação do ser humano, em todos os níveis de sua vida e a não- consciência de que a estrutura de seu pensamento-padrão é linear.

Cada vez mais a inter e a transdisciplinaridade se impõe, gerando conclusões criativas e factíveis. O que se pede, tirando preconceitos de lado, é que sejam bem fundamentadas e justificadas.

²² Vitalismo aqui como uma posição epistemológica e metodológica de trabalhar com o pressuposto de que a afirmação de que ‘tudo se reduz a matéria’ não é correto. No mínimo diz respeito só a parte da realidade.

Referências Bibliográficas:

- ALCAN, F (ed.), *De la Méthode dans les Sciences*. Paris: [s.ed.] 1909.
- ARANHA, M.L.de A.; MARTINS, M.H.P. *Filosofando: Introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1994.
- BELLAVITE, P. Basic research on homeopathy. II. From “life force” to biodynamics and biophysics. In: A HOMEOPATIA NO SÉCULO XX : PERSPECTIVAS DE ENSINO E PESQUISA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA DENTRO DA UNIVERSIDADE, 2000, Campinas. p. 45-63.
- BIOLCHINI, J.C.de A. O contexto científico atual da homeopatia. *Homeopatia Brasileira*, Rio de Janeiro, v.2, n.1-2-3, p.242-246, 1995.
- BONAMIN, L.V. A homeopatia sob a ótica dos novos paradigmas da ciência: Revisão bibliográfica. *Revista de Homeopatia*, São Paulo, v.66, n.1, p.27-32, 2001.
- CAMPOS, L.F. de M. *A rede e as redes – a perspectiva sistêmica nas ciências da saúde*. VIDETUR, <http://www.hottopos.com/videtur26/campos.htm> , n.26, 2004.
- GRANGER, Gilles-Gaston. *A ciência e as ciências*. São Paulo: UNESP, 1994.
- FRANCO, F.J.B. *Constituição e temperamento: uma visão unicista e aplicação prática*. São Paulo: Editorial Homeopática Brasileira, 1998.
- HOFFMEYER, J. *Biosemiotics*. Disponível em : <http://www.zbi.ee/~uexkull/biosemiotics/jespintr.htm>. Acesso em: 20 de janeiro de 2005.
- _____. *Biosemiotics: towards a new synthesis in biology*. Disponível em : <http://www.ento.vt.edu/~sharov/biosem/hoffmeyer.html>. Acesso em: 20 de janeiro de 2005.
- RUIZ, R. *Escola Francesa*. São Paulo: Associação Paulista de Homeopatia.
- SETZER, V.W. *Uma introdução antroposófica à constituição humana*, abril de 2000. Disponível em : www.sab.org.br/antrop/const1.htm. Acesso em : 22 do mês de julho de 2005.
- _____. *O que é Antroposofia*, 15/02/1998. Disponível em: <http://www.sab.org.br/antrop/antrop.htm>. Acesso em: 08 do mês de julho de 2005.
- SCHWARZ, U. *Systems biology*, 2004. Disponível em: <http://www.mpikg-golm.mpg.de/th/people/schwarz/SystemsBiology/>. Acesso em: 06 de julho de 2005.
- The Systems Biology Institute. *Systems Biology – English*, 2003. Disponível em : <http://www.systems-biology.org/000/>. Acesso em : 09 de julho de 2005.
- Wilson, E.O . *A Unidade do Conhecimento*, Rio de Janeiro: Campus, 1999